

Viver: um perigo cada vez maior

21/07/2016

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

E agora foi a Festa Nacional Francesa: o 14 Juillet, a Queda da Bastilha em 1789, início da Revolução Francesa. Em Paris havia arquibancadas no Champs Elysées para o desfile. Em todas as cidades do país, comemorações. Em Nice, na tradicional Promenade des Anglais, os fogos de artifício, programa das famílias, havia terminado e todos voltavam tranquilos para casa, quando irrompeu o caminhão dirigido por Mohamed Lahouaiej Bouhlel, em velocidade furiosa por mais de dois quilômetros.

E a festa cívica transformou-se em uma quantidade impressionante de corpos mutilados, muitos deles de crianças. Os feridos foram levados aos hospitais e os parentes iniciaram a via dolorosa para encontrá-los ou pelo menos saber notícias. Crianças gritavam desesperadas, perdidas de seus pais. Um carro de bebê foi encontrado e resgatado por uma senhora, e os pais conseguiram encontrar o filho perdido no pânico. Os habitantes da cidade abriam as portas para acolher os que fugiam desesperados.

O mundo soube horas depois. As vítimas começaram a ser identificadas e as autoridades a se pronunciarem. E o Estado Islâmico a reconhecer a autoria. Todos nós, observando, tínhamos a estranha sensação de já haver visto este filme, estas cenas, este enredo de horror. Assim foi em Paris em novembro de 2015. Em Bruxelas, no metro, poucos meses depois, e na redação do Charlie Hebdo, em janeiro de 2015. E etc etc etc.

Sempre a sensação do susto, da surpresa nefasta, do lugar escolhido a dedo para ter força simbólica, em macabra coerência O terrorismo não quer apenas matar e destruir pessoas físicas. Quer atingir símbolos, estilo de vida, valores, tudo aquilo que compõe a identidade cultural de uma nação. Não mata apenas homens e mulheres, mas atinge em cheio a liberdade de expressão, o lazer, o prazer de viver, a participação em uma comemoração lúdica e patriota. Faz-se presente com seu potencial destruidor ali onde não seria esperado que estivesse, onde não era esperado, onde não havia por que estar presente.

Por isso, colhe as pessoas no exercício de sua identidade mais profunda, vivendo seus valores mais arraigados e queridos, atingindo não só as vidas, mas a forma como as pessoas escolheram viver suas vidas. É como se dissesse: nada mais de lazer, de casa de shows, de restaurantes ao ar livre, de festas cívicas com fogos de artifício.

Como pode uma população defender-se contra isso? Como, se justamente a estratégia é anular a capacidade de defesa, embotar a inteligência que procura antecipar-se à ação do terror, cercear a vigilância que sempre sai ludibriada? Como se nada é coerente, se nada faz sentido, se tudo é um festival de perplexidades?

Por isso, mesmo é o terrorismo tão difícil de ser combatido. Em situações como a nossa, na cidade e no país, a violência também é terrível e altamente mortífera. Mas há algumas convergências que pelo menos nos permitem gestos e ações de autoproteção, que se não dão segurança real, pelo menos fazem efeito psicológico: não levar dinheiro consigo, não caminhar em certos lugares quando já é noite, não andar na rua e sim no shopping, não saltar do ônibus em lugares isolados, colocar trava elétrica nos carros para trancá-los.

Porém, o que acontece na Europa e, sobretudo em certos países como a França, é diferente. O perigo pode estar em qualquer tempo e espaço. Todo lugar, toda situação é perigosa. E quando se vê, a vida como um todo é perigosa e as pessoas passam a viver acuadas, com medo e insegurança permanentes. As famílias voltam de férias antes da hora porque houve atentados. E os que não voltam não conseguem mais aproveitar as férias. Os terraços dos bares já não são cenários de despreocupação e alegria. Sobre eles pesa o estigma do acontecido em outros terraços, em outros espaços destinados ao lazer e à alegria de viver.

A lógica do terror é incompreensível e inassimilável. Porque seu objetivo é o terror mesmo. A morte é parte do jogo. O que importa é semear a insegurança e o medo, e transformar o mundo em espaço de perigo. Os desdobramentos de Nice não se sabe quais serão. Em termos de discursos parecem bem semelhantes aos eventos anteriores. Será, porém, que as potências ocidentais pretendem assumir ações efetivas, tais como fazer mudanças nas políticas migratórias, alterar seu modelo de vida a fim de incluir os que até agora se sentem intrusos e indesejados? Em nome das vítimas, sobretudo das crianças de cá e de lá, que tiveram suas vidas e seu futuro roubados, é de se esperar e de se rezar por um SIM.